

## BREVE EXAME DO CONCEITO DE TEMPO NA TRADIÇÃO FILOSÓFICA E CULTURAL DO OCIDENTE ATÉ A IDADE MÉDIA

Marcio Chaves-Tannús\*

*"... ce qui importe aux hommes du Moyen Age, ce n'est pas ce qui change, c'est ce qui dure." (Le Goff (82): P. 158)*

*"L'age d'or des hommes du Moyen Age n'est qu'un retour des origines sinon du paradis terrestre, du moins d'une 'Eglise Primiti-ve', idéalisée. Leur avenir était derrière eux. Ils marchaient en tournant la tête en arrière." (Le Goff (82): P. 169)*

### INTRODUÇÃO

Desde sua mais remota época a filosofia do ocidente se ocupou com a problemática expressa por um par de conceitos: os conceitos da permanência e da mudança. Conceitos opostos, mas que para nós humanos, apenas são concebíveis, psicologicamente captáveis, passíveis apenas de definição por um movimento, que refere um ao outro. De fato: por um lado, aquele que afirma a permanência, suprime no mesmo ato a idéia secular de tempo, a idéia do tempo trifásico: o tempo passado, o tempo presente e o tempo futuro. Pois para o que permanece, não se altera, não há diferença entre o hoje e o amanhã, entre estes e o ontem. A permanência passa, por assim dizer, intocada pelo tempo, tem a propriedade de ignorá-lo de fato. Por outro lado, é impossível concebê-la, isolá-la como conceito, fora de um movimento, que a contrapõe aos processos da mudança. Sejam eles marcados positivamente, os de natureza evolutiva, sejam eles os da degenerescência. Também assim, a consciência da mudança: ela nasce a partir do momento em que sua negação torna-se concebível.

Este trabalho tem por objetivo um exame breve das linhas mestras da evolução dos conceitos de permanência e mudança, do conceito de tempo, portanto, na tradição filosófica do ocidente, desde os primórdios da filosofia grega, até o fim da Idade Média.

---

\*Professor do Departamento de Pedagogia da UFU

## 1. A CIVILIZAÇÃO DOS GREGOS

No âmbito da cultura ocidental os primeiros registros que nos chegam e atestam uma inquietação profunda frente aos fenômenos do movimento e da mudança são aqueles a nós legados pela civilização grega.<sup>1</sup> Os gregos são o primeiro povo do Ocidente a tomar consciência, a equacionar e buscar sistematicamente uma solução para os problemas postos pela emergência histórica da mudança.

A cultura grega realiza, como primeira no Ocidente, o estado de transição de uma esfera de cultura, própria aos chamados "povos primitivos", àquela outra, característica dos tempos atuais, cujo traço cultural mais saliente é a presença predominante da técnica e da ciência. A civilização grega vive, pela primeira vez no Ocidente, as angústias da passagem de uma esfera sagrada: a da permanência, a uma esfera mundana, secular: a da materialidade e da mudança, que dela decorre.

Testemunha exemplar da situação de transição cultural da civilização grega é a sua concepção de tempo. Se o tempo sagrado é marcado pela eterna recorrência de fatos, desde o início e para todo o sempre iguais, o tempo profano o é pela sucessão constante de fatos, entre si diversos. A novidade, que os gregos nos trazem, é a fusão destes dois conceitos de tempo: o tempo profano é como que introduzido no tempo sagrado sem, no entanto, eliminá-lo.<sup>2</sup>

Dentre os filósofos gregos, Heráclito é provavelmente o primeiro a abordar a fundo a questão. Os fragmentos de sua obra, que nos restam, atestam uma verdadeira obsessão pelos problemas teóricos concernentes à mudança e à permanência. A impressão, que o filósofo transmite, é a de perplexidade: impossibilitado de decidir-se por um dos pólos opostos, ele o faz pelos dois. Por um lado, ele reconhece clara e abertamente a existência da mudança, por outro, insiste em reduzi-la à expressão paradoxal da permanência, do repouso eterno de todas as coisas.<sup>3</sup>

Na época clássica, Sócrates, pela boca de Platão, sem mais poder negar a existência da mudança, tenta subordiná-la à idéia de permanência.<sup>4</sup> Platão atribui a Sócrates uma teoria que afirma a existência ilusória, passageira e secundária às coisas afetadas pelo tempo, sujeitas à mudança e captadas através dos sentidos. Tais coisas são apenas as imagens imperfeitas e móveis de modelos perfeitos, imóveis e permanentes: as idéias; entes, cuja existência é a única real e duradoura. A concepção platônica do tempo é exposta de maneira exemplar em seu diálogo intitulado "Timeu". Neste diálogo, Platão recorre ao criador e à criação do mundo, para explicá-lo em sua constituição. Através de Timeu, personagem que deu nome ao diálogo, Platão afirma:

1. Cf.: Kehler (66): p. 31.

2. Ibid.: p. 31.

3. Ibid.: p. 32.

4. Cf.: Eliade (s/d): p. 92.

“... Aussi eut-il l'idée de former une sorte d'image mobile de l'éternité, et tandis qu'il organise le ciel, il forme d'après l'éternité immuable en son unité une image à l'éternel déroulement rythmé par le nombre et c'est là ce que nous appelons le temps.”<sup>5</sup>

Aristóteles, o último dos três grandes filósofos do período clássico, tenta contornar o problema por um artifício semelhante, em um aspecto fundamental, ao de Platão. Também Aristóteles afirma a realidade da mudança, para dissolvê-la, a seguir, em sua submissão à imobilidade do absoluto.

Erich Kahler fornece uma descrição adequada da posição do filósofo, que ele assim caracteriza:

“Aristóteles consideraba los diferentes niveles de la naturaleza orgánica, el vegetal, el animal y el humano como etapas sucesivas de la evolución, mas solo en un sentido teórico, cuasi estático; es decir, tomó una etapa como *premisa* esencial de la otra, pero no supuso una real *transformación* de la una en la otra. El todo, lo divino, es anterior a las partes, y todo ser orgánico es creado separadamente por un nuevo toque de lo divino.”<sup>6</sup>

A obra de Aristóteles é também interessante, como fonte de informações relativas às concepções filosóficas de outros pensadores gregos. Particularmente importante, para o tema deste trabalho, é a apresentação comentada, que ele realiza na “Física”, dos quatro argumentos de Zenão de Eléia contra o movimento.

## 2. OS HEBREUS

A concepção hebraica do tempo será aqui exposta, não por ser parte da tradição examinada, mas antes pela influência, que exerceu sobre esta tradição, através do cristianismo, em especial o cristianismo da Idade Média.

O conceito judaico de tempo; bem como sua diferença relativa àquele dos gregos ficarão claros com o citado da descrição, que Mircea Eliade dele nos fornece:

“Para o judaísmo, o tempo tem um começo e terá um fim. A idéia do tempo cíclico é ultrapassada. Jeová não se manifesta já no tempo cósmico (como os deuses das outras religiões) mas num tempo histórico, que é irreversível. Cada nova manifestação na história já não é redutível a uma manifestação anterior.”<sup>7</sup>

5. Platon (50): vol. II, Timée: p. 452.

6. Kahler (66): p. 33.

7. Eliade (s/d): p. 93. N.B.: A grafia e a acentuação, do texto português, foram mantidas, neste e no próximo citado.

Continuando, Eliade estabelece a ligação, que nos interessa, entre as concepções judaica e cristã do tempo:

"O Cristianismo ainda vai mais longe na valorização do *tempo histórico*. Visto que Deus *incarnou*, isto é, visto que assumiu *uma existência humana historicamente condicionada*, a História torna-se susceptível de ser santificada."<sup>8</sup>

### 3. SANTO AGOSTINHO

O estado inicial de equilíbrio, entre os aspectos sagrado e profano, secular, da concepção cristã, é rompido, em detrimento deste último, pela doutrina de Agostinho sobre o tempo.<sup>9</sup> Para a cultura do ocidente medieval cristão, a influência da doutrina de Agostinho será decisiva.<sup>10</sup>

Em uma passagem famosa das "Confissões", Agostinho opera a desmontagem sistemática da concepção trifásica, secular do tempo:

"Qu'est-ce donc le temps? Si personne ne me le demande, je le sais; mais si on me le demande et que je veuille l'expliquer, je ne le sais plus. Pourtant, je le déclare hardiment, je sais que si rien ne passait, il n'y aurait pas de temps passé; que si rien n'arrivait, il n'y aurait pas de temps à venir; que si rien n'était, il n'y aurait pas de temps présent.

Comment donc, ces deux temps, le passé et l'avenir, sont'ils, puisque le passé n'est plus et que l'avenir, n'est pas encore? Quant au présent, s'il était toujours présent, s'il n'allait pas rejoindre le passé, il ne serait pas du temps, il serait l'éternité. Donc, si le présent, pour être du temps, doit rejoindre le passé, comment pouvons nous déclarer qu'il est aussi lui que ne peut être qu'en cessant d'être? Si bien que ce que nous autorise a affirmer que le temps est, c'est qu'il tend à n'être plus."<sup>11</sup>

8. Eliade (s/d): p. 93.

9. Cf.: Kahler (66): p.p. 64, 78 e 83.

10. Ibid.: p. 87.

11. Saint Augustin (64): Livre onzième, chapitre XIV, p. 264. N.B.: O volume da coleção "Os Pensadores" da "Editora Abril", reservado à obra de Santo Agostinho, contém uma tradução brasileira das "Confissões". O texto francês, no entanto, mais claro e mais exato, é de qualidade visivelmente superior.

#### 4. A IDADE MÉDIA

A concepção de tempo da Idade Média, Le Goff a caracteriza bem na longa passagem, que segue:

"Surtout, au niveau de la mentalité collective, une confusion temporelle fondamentale mêle passé, avenir et futur. Cette confusion se manifeste tout particulièrement dans la persistance des responsabilités collectives, expression manifeste de primitivisme. Tous les hommes vivants sont coresponsables de la faute d'Adam et d'Ève, tous les Juifs contemporains sont coresponsables de la passion du Christ, tous les musulmans sont coresponsables de l'hérésie de Mahomet. Comme on l'a noté, les croisés de la fin du XI<sup>e</sup> siècle ne croyaient pas qu'ils allaient châtier les descendants des bourreaux du Christ, mais ces bourreaux eux-mêmes. Ainsi dans l'art, au théâtre, l'anachronisme des costumes — qui se maintiendra longtemps, comme on sait — montre non seulement le mélange des époques, mais surtout le sentiment, la croyance des hommes du Moyen Age que tout ce qui est fondamental pour l'humanité est contemporain. La Liturgie fait revivre chaque année un extraordinaire condensé, à travers les millénaires, d'histoire sainte. Mentalité magique qui fait du passé le présent, parce que la trame de l'histoire est l'éternité.

Et pourtant l'incarnation entraîne une nécessaire datation. La vie du Christ coupant l'histoire en deux, la religion chrétienne se fondant sur cet événement il en résulte un penchant, une sensibilité essentielle à la chronologie. Mais cette chronologie n'est pas ordonnée le long d'un temps divisible en moments égaux, exactement mesurable, ce que nous appelons un temps objectif ou scientifique. C'est une chronologie signifiante. Le Moyen Age, aussi avide de dater que nous, ne datait pas selon les mêmes normes ni les mêmes besoins. Ce qui lui importait pour dater différait de ce qui nous importe. Cette différence, essentielle sans doute, étant admise, il me semble que loin d'être indifférents au temps, les hommes du Moyen Age y étaient singulièrement sensibles. Simplement, quand ils ne sont pas précis, c'est qu'ils n'éprouvent pas le besoin de l'être, que le cadre de référence de l'événement évoqué n'est pas celui du chiffre."<sup>12</sup>

A exposição de Le Goff tem o mérito de nos apresentar a concepção cristã medieval do tempo como um misto, que ela é, de dois aspectos constitutivos, de natureza diversa e convivência problemática. A evolução histórica, desde então, privilegiará, nós o sabemos, o segundo dos aspectos acima apontados: aquele que tende à secularização da vivência e da idéia de tempo.<sup>13</sup> Com o início do Renas-

---

12. Le Goff (82): p.p. 148-9.

13. Cf.: Kahler (66): p. 100.

cimento, e o advento do mercantilismo, a concepção de tempo do mundo ocidental entra em um processo acelerado e contínuo de secularização,<sup>14</sup> que persiste, e tende nos dias atuais à eliminação completa daquela idéia de tempo, em que a permanência reina absoluta: o tempo sagrado.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIADE, M. (s/d): O Sagrado e o Profano, Livros do Brasil, Lisboa, (s/d).

KAHLER, E. (66): Que es la historia?, Fondo de Cultura Económica, México-Buenos Aires, 1966.

LE GOFF, J. (82): La civilisation de l'Occident médiéval, Flammarion, Paris, 1982.

PLATON (50): Oeuvres complètes: 2 vol., Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, Paris, 1950.

SAINT AUGUSTIN (64): Les confessions, Garnier-Flammarion, Paris, 1964.

---

14. *Ibid.*: p. 130.